

## II

## A LENDA AMAZONICA DO «CAURÉ»

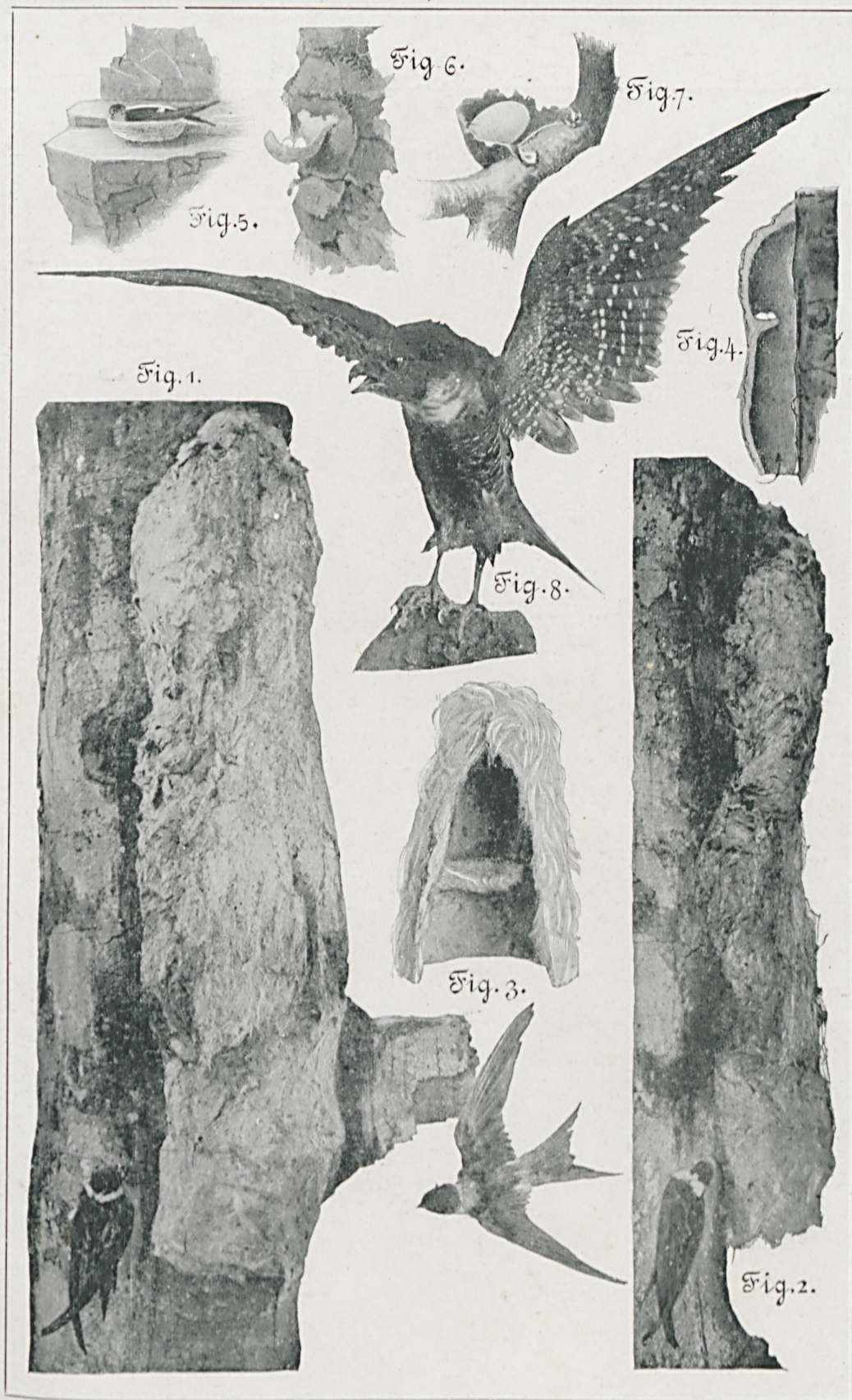
Considerada á luz da sciencia, e considerações comparativas sobre o ninho da *Panyptila cayanensis* Cab. e de outros Cypselideos (Andorinhões)

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI

(COM I ESTAMPA)

Pouco tempo depois da minha chegada á foz do Amazonas, tive occasião de ver no Bosque Municipal do Marco da Legoa, em Belem do Pará, um ninho de ave, descommunal ao mesmo tempo pelo seu material, seu tamanho, sua feição architectonica e seu modo de fixação. Era uma bolsa comprida, de lã vegetal amarellacea, grudada lateralmente ao tronco de um pão recto e de dimensões respeitaveis; a abertura de entrada achava-se virada para baixo. Foi o Snr. E. Gounelle, entomologista francez, que primeiramente teve a amabilidade de chamar minha attenção para o caso, quando no Marco da Legoa residia durante o tempo de Fevereiro a Março de 1895, com o fim de colleccionar Coleopteros paraenses (Veja o Bol. do Mus. P. Vol. II, Fasc. I, pag. 70-78). Sobre o constructor do ninho, o mesmo naturalista não conseguiu fazer observações pessoas; parecia-lhe entretanto que o ninho crescia diariamente, mas a autoria ficou envolta n'um profundo mysterio. Por informações obtidas de alguns empregados indigenas occupados no serviço do bosque, elle soube unicamente que o ninho era obra de pequeno gavião ou ave de rapina, chamado *cauré*, que somente trabalhava antes do nascer do sol e depois do occaso. Resolvi apoderar-me assim mesmo do ninho, que se achava n'uma altura de uns 12 metros. Consegui-o com o auxilio de uma escada comprida e um terçado bem afiado, amarrado perpendicularmente sobre uma vara, raspando com cuidado a casca da arvore na zona interessada. De posse do ninho, que estava vasio, fiquei desde o primeiro momento convencido que se tratava da obra de um Cypselideo ou Andorinhão e que as informações populares, as quaes relacionavam-se com o tal pe-

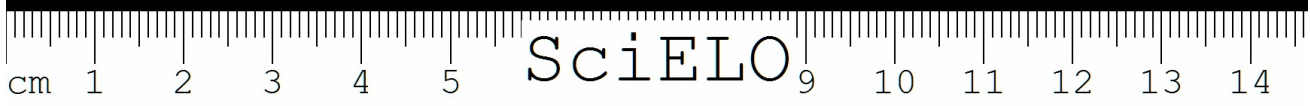
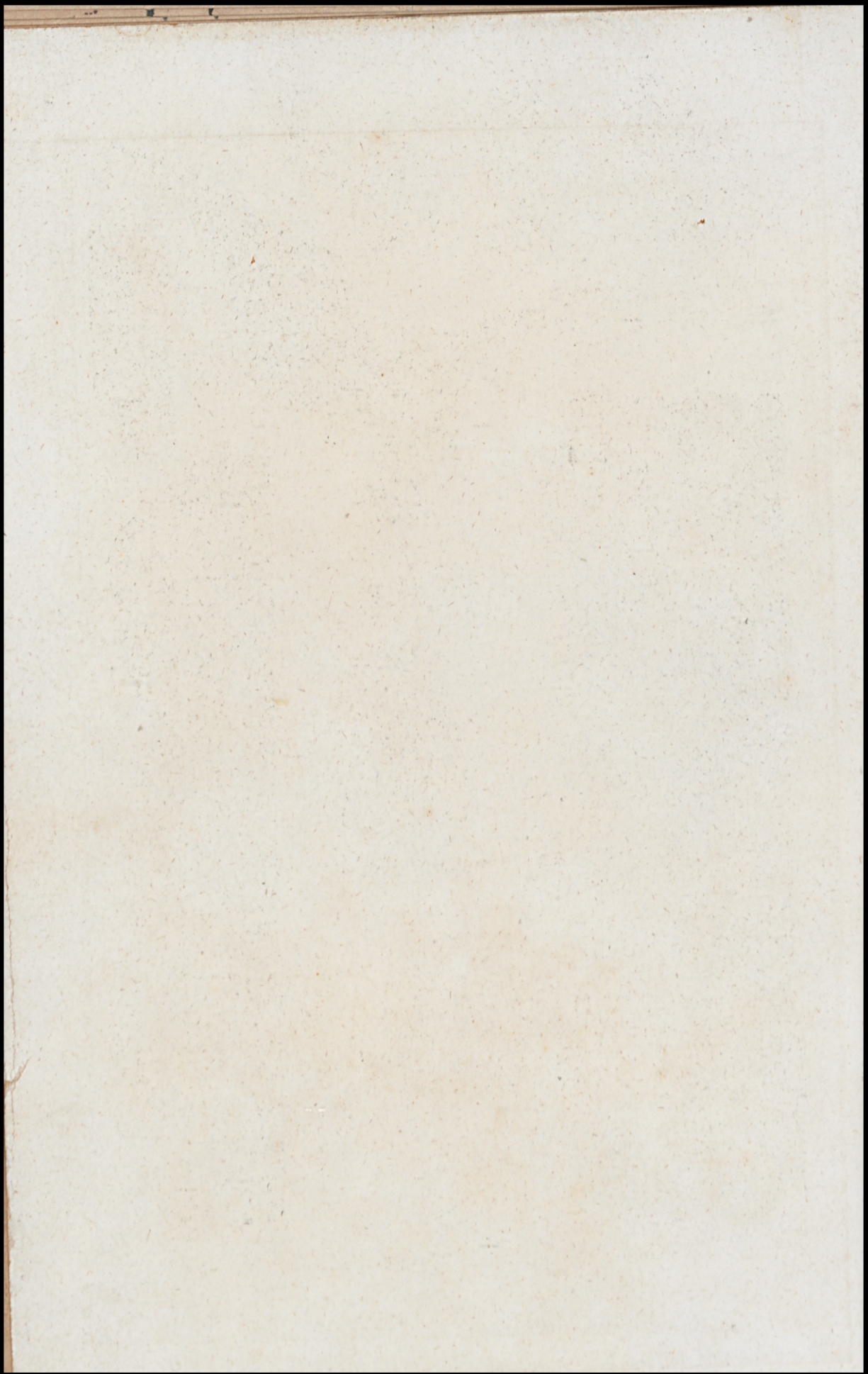




phot. Dr. G. A. Soeldi.

*Phylogenia architectonica*  
do ninho de *Sayornis cayanaensis* Cab.



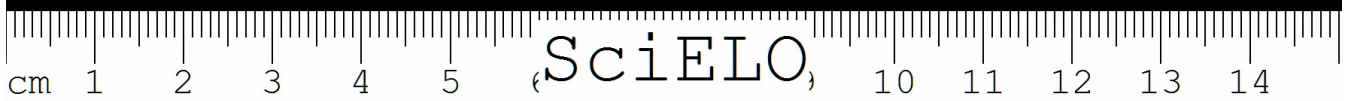


SciELO

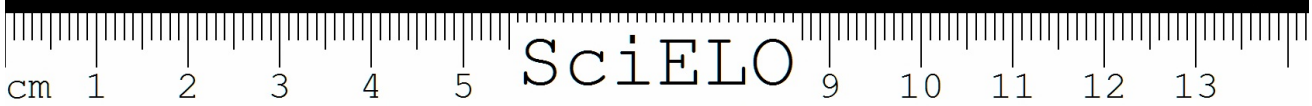


S) NEOTROPICOS

o de materias







SciELO



# DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS SIMIOS (MACACOS) NEOTROPICOS

Synopse organizada conforme os melhores autores, antigos e modernos, e os materiaes

do  
MUSEU PARAENSE

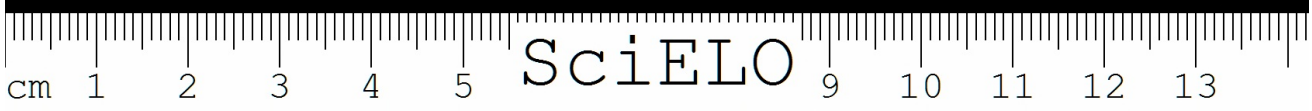
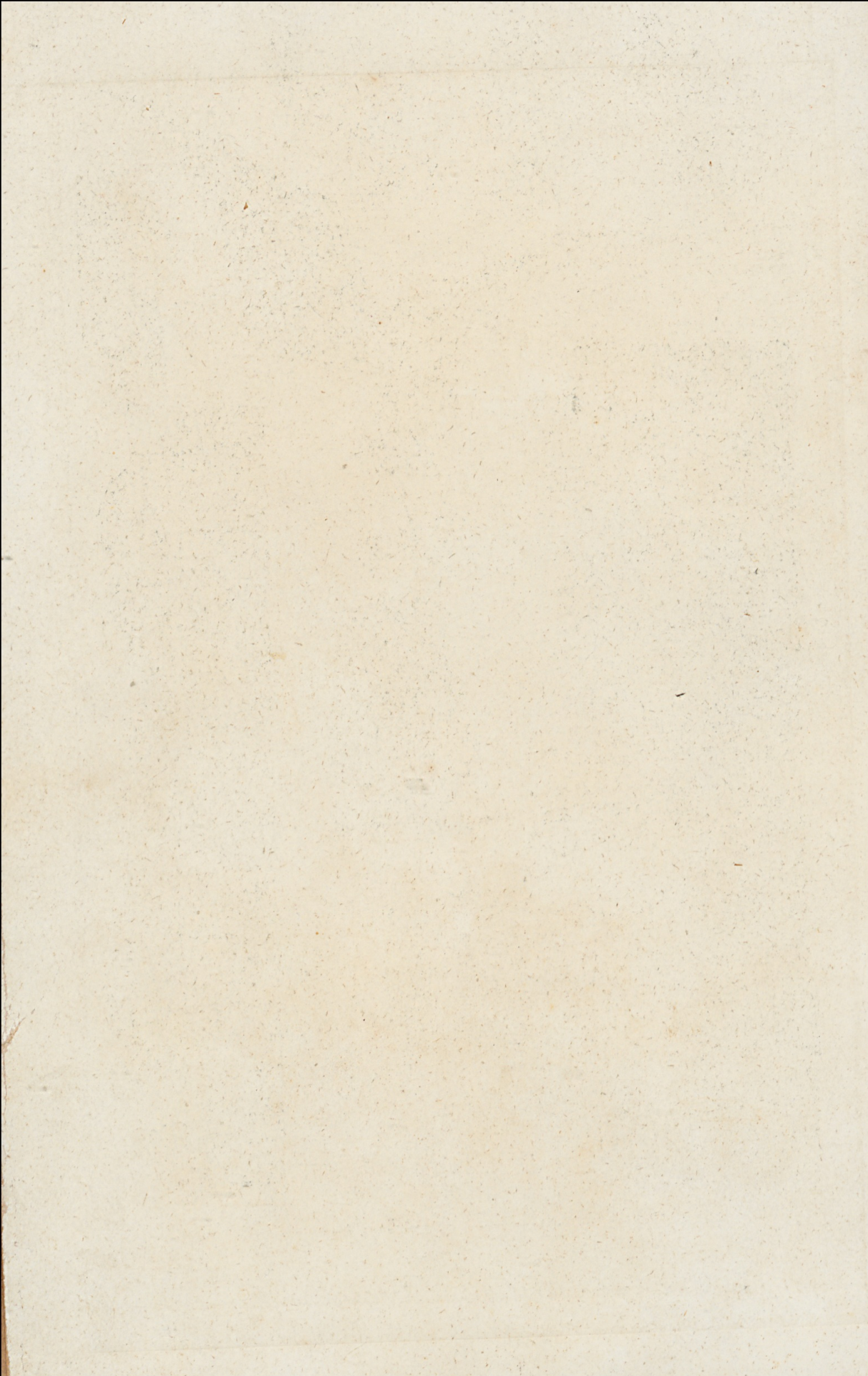


- Especies do genero Mycetes
- 1 *belzebul*
  - 2 *ursinus*
  - 3 *niger*
  - 4 *seneculus*
  - 5 *palliatu*s
  - 6 *flavicauda*
  - 7 *fuscus*
  - 8 (*villosus* em Guatemala)

- Especies do genero Lagothrix
- 1 *cana*
  - 2 *Poeppigi*
  - 3 *Humboldti*

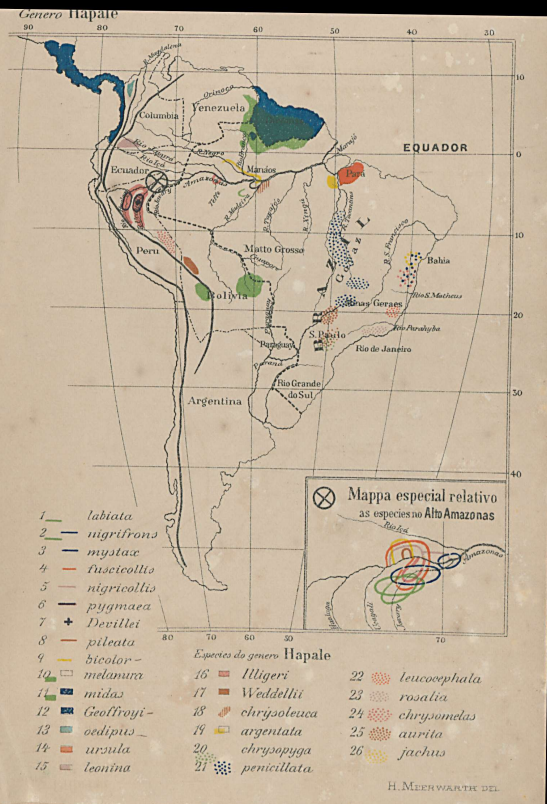
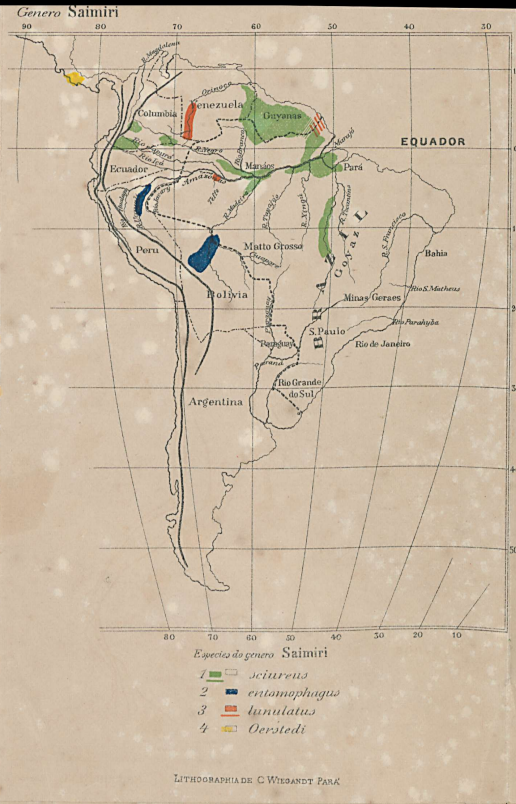
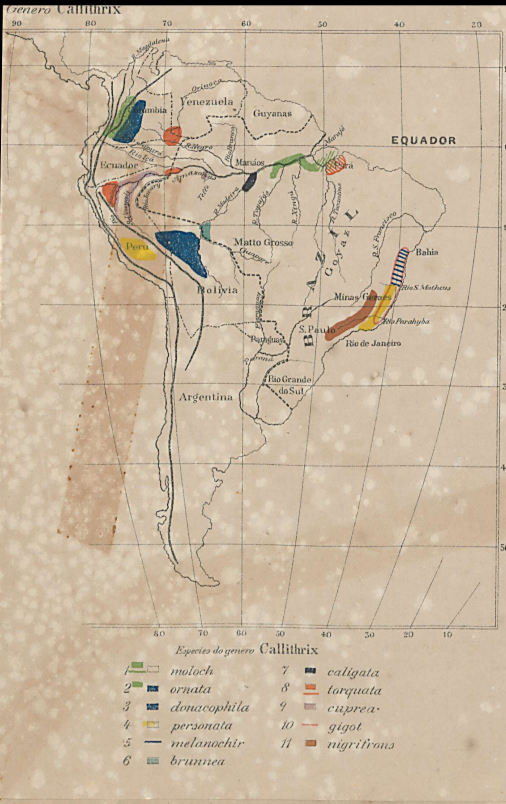
- Especies do genero Ateles
- 1 *panicus*
  - 2 *Geoffroyi*
  - 3 *ater*
  - 4 *pentadactylus*
  - 5 *belzebul*
  - 6 *marginatus*
  - 7 *chrys*
  - 8 *rufiventris*
  - 9 *hybridus*
  - 10 (*fuliginosus* em Vera Cruz e Oaxaca/Mexico)
  - 11 *arachnoides*
  - 12 *hypoanthus*



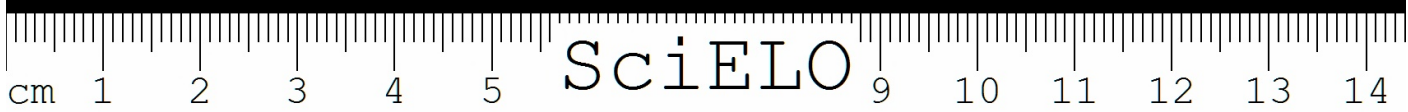


SciELO











queno gavião *cauré* eram erroneas. Para mim era questão liquidada, que rapineiro algum se affastasse de tal modo da regra commum e conhecida de nidificação entre esta ordem de aves (—alguidares abertos, rasos, feitos de gravetos e assentos livremente em forquilhas e galhos de arvores altas—). E se minha supposição relativamente a um qualquer Cypselideo tinha desde logo o character e a forma da certeza, era porque eu conhecia desde muito construcções semelhantes, observadas por mim no Sul do Brasil e provavelmente provenientes de Cypselideos do cyclo de *Acanthylis collaris* (*Chaetura zonaris*), andorinhão grande e vistoso (com grande mancha gular branca), frequente entre os rochedos da Serra dos Orgãos e de *Acanthylis oxyura* (*Chaetura cinereicauda*), egualmente encontrada no Rio de Janeiro.

Principiavam a affluir para o Museu Paraense mais exemplares d'estes ninhos de *cauré*, invariavelmente acompanhados de informações identicas áquellas obtidas pelos trabalhadores do Bosque. Assim recebi um do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Barão de Marajó, quando ainda Intendente da cidade de Belem, e oriundo igualmente dos arredores da capital; um outro obtive do Rev. Snr. Conego João Muniz, tendo sido este exemplar colligido, se não m'engano, na banda da Guyana brasileira (Rio Cajary). Por toda a parte a mesma crença—ninho de um pequeno gavião *cauré* ou *cauaré*, muito esperto, atrevido por um lado, mas summamente desconfiado e mysterioso no trabalho da nidificação, por outro.

Uma crença a qual tinha logrado achar ingresso e acceitação geral nas classes intelligentes da população amazonica, certamente devia estar profundamente enraizada no folk-lore do povo inteiro e com indagações feitas debaixo da mão, chegamos de facto a descobrir entre as classes inferiores a existencia de um verdadeiro cyclo de lendas, que se prendem ao *cauré*. Conforme o povo, o *cauré* é a encarnação e o symbolo da fortuna e da felicidade domestica. Sem suor nem fadiga arranja n'um rapido passeio aereo tudo que lhe fôr preciso para a sua casa, que cresce da noite para o dia. «Tudo lhe cahe no bico», não ha mal que lhe entre». Acompanhado em tudo e por toda a parte de ventura, passa a vida brincando e passeiando, o seu bem-estar augmenta como por encanto, sem o minimo trabalho. Pode haver creatura mais feliz, de que o *cauré*, do qual, mesmo dormindo os haveres augmentam, emquanto que os outros tem de se cançar nas labutações da vida quotidiana?

Sendo tamanhas as venturas do *cauré*, não é realmente



senão um passo pequeno para attribuir as mesmas qualidades á tudo que se relaciona com esta milagrosa ave, especialmente ao ninho. E assim é que aquelle que tiver olhos abertos, vê ainda hoje no Mercado do Pará, entre uns tantos outros objectos semelhantes, de que occasionalmente fallarei, expostos á venda pedacinhos de ninhos de *cauré*, que a bom preço são—garantem-me,—avidamente procurados pelas pretas e mulatas, que n'este ponto como em muitos outros (por exemplo no «muyrakitã»), são as herdeiras das crenças populares dos indios e tapuyos indigenas. O tal pedacinho dá felicidade e augmenta a fortuna. Cortado em pedacinhos de alguns centimetros quadrados e vendidos em retalho aos numerosos crentes ao preço médio de mil réis, claro é, que um ninho inteiro pode render de 20\$000 para cima. E ahi temos a explicação natural do facto, que não é cousa muito facil de arranjar-se um ninho inteiro de *cauré* para fins scientificos, visto que este constitue um objecto de valor commercial, embora sómente dentro de limites locais.

Analysando e dissecando anatomicamente a lenda do *cauré*, como ella ainda hoje está em voga na Amazonia, resulta, como costuma acontecer em taes casos, que nella encontramos um pequeno nucleo de verdade e observações erroneas e ingenua superstição. Logo veremos onde está o primeiro e em que consiste a segunda. Elle constitue aliás um utilissimo exemplo, como o naturalista e ethnologo deve usar de criticismo e precaução na acceitação de lendas que lhe são transmittidas pela boca do povo, se elle não quizer cahir igualmente no ridiculo. Desconhecer e confundir a conexão causal na natureza pode se perdoar ao povo, mas não áquelle que pretende a qualificação de naturalista, visto que a differença essencial entre um e outro precisamente reside na indispensavel educação professional do ultimo. Partindo d'este ponto de vista merece censura e protesto por parte da sciencia o seguinte trecho que se encontra n'um antigo relatorio do tempo do Imperio <sup>1</sup> relativamente ao ninho do «cauré»: «Ahi (cachoeira de Catiry) tive occasião de ver o *cauré* e o seu ninho. Este gavião, o mais pequeno e o mais temido, pela crua guerra que faz a todos os passaros, até aos seus congeneres de maior vulto, no Amazonas, tem o corpo todo preto assim como o bico, exceptuando as pennas que são

<sup>1</sup> I. Barb. Rod. «Exploração dos Rios Urubú e Iatapú. Relatorio apresentado a S. Exc.<sup>a</sup> o Snr. Conselheiro Dr. José Fernandes da Costa Pereira, Ministro de Agricultura etc.» Rio de Janeiro 1875 (Typographia Nacional).



amarellas. A femea tem o peito e o ventre avermelhado e uma colleira branca <sup>1</sup>. Tem o vôo e o porte de um andorinhão hirundo. Atira-se a qualquer passaro de vulto, como o mutum, o magoary e outros; não temendo nem o gavião real. Caça perseguindo-os no seu vôo e introduzindo-se sob as azas, onde se agarra e vai devorando-os até cahirem. Salva-se porém o magoary e outros aquaticos, precipitando-se n'agua. Alguns mammiferos mesmo não são respeitados; como a guariba. E' o maior inimigo da criação domestica e o mais temido entre as aves de rapina. Construe o seu ninho, nos altos troncos das arvores, procurando os que ficam obliquos ou paralelos <sup>2</sup> para pela parte inferior formal-o, ficando resguardado das chuvas. Com as sementes de um *haemadictyum* <sup>3</sup> faz um tecido em forma de cylindro, grudado ao tronco; com uma divisão interna, onde deposita os ovos, deixando uma abertura na parte inferior, por onde elle penetra. Tem geralmente o ninho 0<sup>m</sup>,2 de comprimento e 0,05 de diametro.» <sup>4</sup>

Ficando aliás para eliminar ainda toda e qualquer duvida acerca do acerto da minha supposição e para demonstrar qual a especie de Cypselideo, a que se deve attribuir a autoria dos taes chamados ninhos de *cauré*, aproveitei da necessidade que havia em vista de passageiro incommodo de saúde, de residir uns tempos no Marco da Legoa o assistente da secção zoologica do Museu, o Snr. Hermann Meerwarth, para encarregal-o da elucidação do assumpto. O nosso emisorio de facto não tardou em resolver o interessante problema. Era ao redor do dia 26 de Outubro do anno passado (1896). Descobriu outro ninho ainda em construcção no Bosque Municipal e submettendo-o a constante observação e fiscalisação, depressa convenceu-se á vista dos factos que o architecto na realidade não era outra cousa senão um andori-

<sup>1</sup> A sciencia não reconhece n'esta especie semelhante distinctivo como exclusiva prerogativa do sexo feminino. Não colleccionamos até hoje senão exemplares, munidos de mancha gular, havendo entre elles diversos do sexo masculino, comprovado pelo exame anatomico. Os sexos differem no *tamanho*, não no colorido, e se differenças se notam no colorido, relacionam-se com a *idade diversa* dos individuos.

<sup>2</sup> Não conseguimos comprehender a idéa do autor relativa a esta expressão.

<sup>3</sup> Veja a nota na pag. 436.

<sup>4</sup> «Vinte centimetros de comprimento» e «cinco centimetros de diametro» são medidas que ficam muito abaixo das dimensões reaes —, que *geralmente* são bem diversas d'aquellas, que o autor indica como norma na phrase acima.



nhão (Cypselideo). O ninho prompto e parecendo ter principiado o tempo da incubação, o nosso auxiliar atirou tanto o macho como a femêa, para armar-se do necessario material comprobatorio e trouxe-nos tanto este casal como tambem o respectivo ninho. O andorinhão, que aliás é uma das especies das mais diminutas do grupo, foi por nós reconhecido como *Panyptila Cayanensis* Cab. De todo escuro no lado dorsal distingue-o todavia a nitida colleira branca, que é completamente fechada. Não deixa de ficar a gente impressionado com a flagrante disposição existente entre o tamanho da enorme bolsa do ninho e as dimensões mesquinhas do architecto.

E' bastante provavel, que n'esta disproporção haja uma das principaes fontes do erro popular, que, julgando ser necessario ter sido feito um ninho grande por um architecto grande, trocou os papeis do legitimo proprietario e constructor com os do seu grande inimigo.

A *Panyptila cayanensis* Cab. é uma avesinha mimosa, conhecida scientificamente de longa data. Encontrei-a já figurada na obra de Buffon (1778), debaixo do nome «*martinet á collier de Cayenne*» (pl. 725 fig. 2 b.). Reside em grande parte da America meridional tropical e cis-andina, constando ter sido observada desde a Guyana franceza até o Rio de Janeiro, em cujos arredores eu mesmo tive occasião de colleccional-a. Na Guyana Ingleza encontra-se uma outra especie proxima parente, a *Panyptila sancti-Hieronymi*. O ninho d'esta ultima especie foi descoberto e descripto por Salvin em 1863 — chegaram-me porém as mãos as primeiras noticias pelos periodicos ornithologicos <sup>1</sup> somente pouco tempo depois das nossas felizes investigações relativas á *Panyptila cayanensis*. Pelas descrições vejo que se trata de um caso inteiramente paralelo; o que se diz nos periodicos inglezes da especialidade acerca do ninho de *P. sancti-Hieronymi* quadra igualmente para o de *P. cayanensis* até nos pormenores secundarios. Quanto ao *Acanthyllis oxyura* Vieiill. (*Chaetura cinereicauda*), acima alludido, creio que a prioridade da descrição do seu ninho, pertence ao Snr. Carlos Euler, que em 1867 d'elle fez menção. <sup>2</sup> Eu pessoalmente tive occasião de estudal-o novamente tambem no Estado do Rio de Janeiro,

<sup>1</sup> Proceedings of London Zoolog. Society 1863, pag. 191.—Ibis, London, April 1897 pag. 262 — Catalogue of Birds of British Museum, Vol. XVI (1892), pag. 461.

<sup>2</sup> Foi no artigo, intitulado «Contribuições para a historia natural das Aves do Brasil», publicado no «Journal für Ornithologie. Berlin 1897 pag. 262-223). Todavia este autor não chegou a elucidar o problema completamente; elle con-



como se pode ver pelo meu livro «Aves do Brasil» (pag. 24 e 204), escripto em 1892.

Mas nunca houve quem fizesse d'esta materia assumpto de uma consideração especial e d'ella tirasse as interessantes conclusões geraes, que resultam de um estado comparativo da architectura dos Cypselideos. A primeira e unica tentativa preliminar n'este terreno, é, ao que eu saiba, aquella contida nos acima citados trechos do meu livro «Aves do Brasil».

O ninho de *Panyptila cayanaensis*, d'este «pseudo-cauré» é, como acima já deixamos entrever, uma bolsa consideravel de perto de 1 metro de comprimento, quando prompta (Fig. 1-4). Exceptuando uma ponta romba na inserção superior, conserva approximadamente o mesmo diametro desde emcima até em baixo. A parede exterior, por toda a parte mais ou menos de 1 centimetro de espessura, é tão solidamente colada e amalgamada com as suas beiras á casca da arvore de maneira que não é muito facil separal-a do substrato. Diminue a sua grossura um pouco em baixo, onde se encontra a abertura de entrada, grande e quasi circular. O material exterior é, como dissemos, uma lã vegetal de côr amarellacea, uma «paina» como se costuma dizer no Sul do Brasil para a lã que adhere as sementes das «paineiras» (*Eriodendron spec.*), arvores que no Norte se conhecem pela designação indigena de «sumaúmas». Se é certo por um lado que este material se constitue exclusivamente daquellas plumas lanuginosas, que se elevam sobre as sementes de não poucas familias de plantas e que a terminologia botanica designa com o nome de «pappus», não pudemos até agora por outro lado ganhar plena certeza acerca da proveniencia exacta d'esta lã vegetal. A lã das «sumaúmeiras» amazonicas costuma ser branca, como as das «paineiras» no Sul, embora entre as ultimas temos visto tambem especies com paina amarellacea. Não é ás «sumaúmeiras» que se pode attribuir o material exterior para os ninhos de *Panyptila*. A solução botanica d'esta questão é singularmente difficultada pela circumstancia de serem estes fios lanuginosos, com um certo brilho sedoso, não mais

fessou «que não comprehende como a ave pode incubar n'um tubo vertical, a não ser, que ella grude os seus ovos na parede». Por ahi se vê, que Euler não observou a saliencia horizontal, isto é, que não teve á disposição senão ninhos principados, mas não acabados.



acompanhadas da sua matriz, das sementes. É raro encontrar-se um ou outro residuo, geralmente insufficiente para um exame em regra. Deve ser um arbusto ou arvore ou cipó do mato, que produza o material com abundancia. Evidentemente o vento carrega estas sementes, munidas de vantajoso aparelho aerostatico que lhes facilita enormemente viagens longinquas e grande distribuição, para as alturas, onde o bico do nosso Cypselideo as apanha, desviando-as assim do destino primitivo, que a natureza lhes assignou. Esperamos com mais tempo e ultiores investigações e o auxilio da secção botanica poder chegar a eliminar tambem este ultimo ponto de interrogação. \*

Digno de nota é que o material d'esta bolsa é muito mácio, leve e que o tecido é ao mesmo tempo excessivamente forte e tenaz, formando uma especie de filtro espesso, tão impenetravel para os aguaceiros fortes como tenaz e rebelde á um eventual attentado malevolo das garras de qualquer salteador graúdo.

Para comprehender a construcção inteira é preciso recorrer as figuras 3 e 4 da nossa estampa. Pela ultima vê-se que o lumen interno representa uma espaçosa galleria perpendicular, aberta em baixo para o livre accesso do inquilino. Mais ou menos no lugar do terço superior percebe-se uma

\* NOTA. — Communica-me, o Dr. J. Huber, botanico do Museu Paraense, o seguinte acerca do material de dous ninhos de *Panyptila guyanensis*: «Os ninhos que tenho presentes, são quanto a materia principal do seu revestimento exterior, formados dos topetes grudados de cabellos de sementes de Apocynaceas. Os cabellos lisos, rijos, um tanto sedosos, sua disposição em forma de topete, como tambem alguns poucos fragmentos de sementes, quasi não permitem de duvidar sobre a sua proveniência de uma Apocynacea. Não tendo, porém, sido encontrados sementes intactas, não ha possibilidade de uma indicação mais exacta do genero ou da especie. Comtudo o tamanho dos topetes de cabellos, parece indicar uma especie com sementes assaz grandes. Que tenhamos de fazer com uma especie de *Haemadictyon* parece duvidoso, quanto aos nossos exemplares de ninhos, já pelo simples facto, que até agora não se conhece especie alguma d'este genero da vizinhança immediata do Pará. A especie *Amblyanthera versicolor*, frequente ao redor do Pará e cujas sementes possuem semelhantes topetes de cabellos, é excluida em virtude do colorido caracteristico vermelho-amarello dos cabellos das suas sementes, por contra poderia tratar-se talvez de uma especie de *Echites*. Em todo o caso deve-se presumir que os cabellos provêm de certa especie, que trepa mui alto e que seja bastante frequente no matto. — Quanto ao revestimento interior, mais lanuginoso, dos nossos exemplares de ninhos, pode-se declarar com bastante certeza, que elle é constituído da «paina» da «Sumaúma» (*Ceiba pentandra* L.)

Euler diz que o material dos ninhos de *Acanthylis oxyura*, por elle observados no Sul do Brasil, provêm do *Trixis divaricata* Sp., uma Composita; Quelch reconheceu nos ninhos de *Panyptila Sancti Hieronymi* a seda de *Eriodendron spec.*, por tanto de uma «Sumaúmeira».



entrancia horizontal, inserida na parede exterior. É' uma ti-gellinha ou palangana, destinada a receber os dous ovos.

Eis-nos chegado ao ponto principal, a comparação das habi-tações architectonicas dos membros da familia dos Cypselideos.

No meu livro «Aves do Brasil», pag. 204, escrevi que o andorinhão commum europeu, o *Cypselus apus*, faz nas gre-tas e buracos de paredes e torres antigas ou por baixo das telhas das casas, um ninho desgeitoso, pequeno e chato. Cesto mais cuidadoso, mas igualmente livremente assente em lages e pedras horizontaes, parece fabricar a *Collocalia nidifica* Gray austromalaya (*C. fuciphaga* Thunberg) conforme diver-sas informações literarias e uma estampa que encontramos na bella obra «Genera of birds» de Gray. (Veja a fig. 5 da nossa estampa, que é uma reproducção diminuta daquella de Gray). Na nossa figura 6 é representado o ninho (esculento e apreciado como petisco entre os povos asiaticos) da cele-bre *Salangana de Celebes e das Moluccas* (*Collocalia escu-lenta*<sup>1</sup>), conforme as informações de muitos viajantes e a obra illustrada de Brehm, grudado lateralmente aos paredões de rochedos de grutas de difficil accesso. Um unico ovo apenas pde n'uma miniatura de ninho pegado lateralmente n'um ga-lho fino de arvore *Dendrochelidon longipennis* das ilhas de Sunda (fig. 7.), Cypselideo exquisito de topete na cabeça e de alongadas pennas caudaes.<sup>2</sup>

Ora, voltando a considerar a nossa figura 4, que repre-senta um corte longitudinal schematico do ninho de *Panyp-tyla cayanensis*, e os factos acima referidos a respeito de di-

<sup>1</sup> Precisamos aliás advertir o leitor, que a systematica e a synonymia das especies do genero *Collocalia* não estão ainda em estado de satisfazer. Basta citar as palavras textuaes, com as quaes o mais moderno monographo (Ernst Hartert), encetou em 1892 o respectivo capitulo no «Catalogo das Aves do Museu Britan-nico» (Vol. XVI), que são: «Tantas foram as especies de *Collocalia*, distinguidas e baptisadas por uns naturalistas e subsequentementé reunidas por outros, que seria tarefa muito difficil — e em alguns casos até impossivel — de discriminar as especies mencionadas na literatura»: O mesmo autor reconhece, a vista do farto material de que dispuz, nada menos de 13 especies d'este genero, todas das re-giões indias e malayas. O costume de fabricar ninhos esculentos, feitos com mus-gos e algas gelatinosas e cimentados com a saliva, o possuem não poucas d'estas 13 especies, talvez a metade ou mesmo a maioria. Averiguado é por exemplo para *C. lowi*, provavel parece tambem para *C. linchi*.

Por desencargo de consciencia direi, que estou um tanto duvidoso acerca da synonymia exacta tanto para a *Collocalia nidifica* de Gray, como para a *C. escu-lenta* de Brehm.

<sup>2</sup> Tal nidificação e numero de ovos, parece aliás ser posse commum para to-dos os membros da exquisita sub-familia dos Macropteryginae (6 especies), se-gundo a affirmação de Ernst Hartert (1892).



versos Cypselideos sul-americanos, salta logo aos olhos que o modo de fixação lateral do ninho observado pela Salangana e pelo Dendrochelidon sundaico, é repetido ainda uma vez não sómente pelo nosso «andorinhão de colleira», como também pela especie proxima parente Panyptila sancti-Hieronymi da Guyana Inglesa e pelo andorinhão commum nas serranias do Sul do Brasil, o Acanthyllis collaris. Todos estes Cypselideos fabricam uma artistica bolsa de lã vegetal com uma saliencia interna, destinada a receber os ovos. Esta saliencia por si só representa o genuino equivalente da tigellinha da Salangana e de Dendrochelidon, o tudo mais, isto é, a parede exterior, é apenas «obra morta» e tecto protector.

Sem coacção alguma e sem violentar os factos, achamos-nos repentinamente nas pistas de uma nitida série ascendente que nos leva da imperfeita e tosca palangana livre do Cypselus apus, pela phase transitoria das tigellinhas lateralmente fixadas da Salangana e de Dendrochelidon, ao estadio mais aperfeiçoado e mais elevado das magistraes bolsas com parede exterior artificial dos nossos Cypselideos sul-americanos. Julgamos d'est'arte, plenamente justificado o nosso procedimento e raciocinio, dando a nossa estampa o titulo «Phylogenia architectonica do ninho de Panyptilia cayanensis. «Recapitulamos a essencia d'esta phylogenia architectonica no seguinte schema:

{ A. Cypselideos com ninho livre.	} Cypselus apus, C. melba Collacalia nidifica s. fuciphaga.	{ Formas europeas e do Velho Mundo.
{ B. Cypselideos com ninho lateralmente fixado:	b,) em rochedos: (Collacalia esculenta). b,) em galhos: Dendrochelidon.	{ Formas asiaticas.
{ C. Cypselideos com ninho lateralmente fixado na parede exterior da bolsa protectora artificial.	} Acanthyllis collaris. Panyptila sancti-Hieronymi. Panyptila cayanensis.	{ Formas sul-americanas.



Mas, ha apesar de tudo isto, um ponto obscuro a elucidar—a verdadeira significação da parede exterior no grupo C, abarcando as formas sul-americanas. Poder-se-hia julgar-a simples tecto protector. Apesar de que eu não quero pôr em duvida a manifesta utilidade de semelhante melhoramento architectonico sobretudo em clima tropical com chuvas torrencias, creio que a sua origem primitiva reside em outra causa. Querendo resumir em poucas palavras a minha opinião direi, que supponho ser esta parede exterior um indicio assaz certo, de que a familia dos Cypselideos construiu os ninhos e incubou primitivamente em cavernas e grutas e que até hoje ella não se libertou de todo d'este costume profundamente enraizado no seu character. Construindo uma parede exterior formando assim uma caverna artificial, os nossos andorinhões sul-americanos dão expressão a uma lembrança, do modo de vida em tempos idos, transmittida de gerações em gerações.

A Collocalia nidifica, a Salangana, os verdadeiros Cypselus europeus, o nosso Acanthyllis collaris brasileiro não trahem ainda hoje este passado com a sua innegavel predilecção pelos rochedos, os muros altos, as torres e os cumes das serras? E não ganha assim subitamente uma importancia inesperada a circumstancia antes tão difficil de explicar de terem os Cypselideos *ovos brancos*,<sup>1</sup>—facto observado como muitas vezes frisei no meu livro sobre as «Aves do Brasil», como severa regra entre as aves, que costumam incubar em ocos e buracos?

Partindo d'este ponto de vista, ganhariamos uma *série descendente*, em lugar de uma ascendente e teriamos de lêr o schema antes estabelecido debaixo para cima, em vez de cima para baixo. Isto muda pouco ou nada nos alicerces da nossa argumentação. Teria unicamente o inconveniente, de vermos triumphar entre os Cypselideos nos tempos modernos o desleixo e a negligencia commodista no trabalho de nidificação, cabendo a perfeição architectonica ás formas com o cunho do passado e da antiguidade. Seria um incontestavel regresso artistico e esthetico. Mas, como diz o proverbio, «Deus escreve direito por linhas tortas» e realmente não comprehendo a colera de muitos dos meus collegas de officio e hoje quasi em moda entre os novos contra este ditado popular absolutamente sensato e tantas vezes verificado por aquelles que desapaixonadamente e sem «parti-pris» queiram deixar actuar

<sup>1</sup> Na synopse dos caracteres da familia diz por exemplo Ernst Hartert acerca dos ovos: «Eggs invariably pure white, without gloss» (pag. 435).



sobre o seu intellecto as impressões ganhas no estudo das obras da natureza.

Teriamos aliás ao mesmo tempo tambem dous interessantes exemplos de adaptação ao ambiente: o *Dendrochelidon* sundaico e os representantes do genero sul-americano *Panyptila*, abandonando o primitivo habitat entre os rochedos e escolhendo arvores para a nidificação em regiões de luxuriante vegetação tropical e por outro lado os andorinhões europeus do genero *Cypselus*, trocando os rochedos naturaes com os escondrijos que offerecem os muros altos e as torres elevadas, erigidos por mão humana.

Resta-nos explicar como foi possível que o povo persistisse obstinadamente em attribuir o ninho de *Panyptila cayanaensis* a um pequeno gavião, chamado *cauré*. Acerca da identidade do tal *cauré* não pode haver duvida: é o *Falco rufigularis* (sive *albigularis*), (Fig. 8), rapineiro escuro no lado dorsal, com flancos e lado inferior das azas rajados de branco, garganta branca-ferruginea, terço abdominal e calças côr de ferrugem. E' um gavião de pequenas dimensões, pois é bastante menor do que uma Pomba-juruty. Constituição esbelta, azas compridas, physionomia audaz e atrevida se reúnem na mimosa figura d'este diminuto gavião com um colorido verdadeiramente bello pelos seus vivos contrastes. O *cauré* trahe logo aos olhos do amigo da natureza a sua nobre origem: é proximo parente do *Falco aurantius* e do *Falco* (*Cerchneis*) *cinnamominus* (*sparverius*) do Sul do Brasil, como do *Falco subbuteo* («hobreau» dos francezes) e do *Falco* (*Cerchneis*) *tinnunculus* («crecerelle») da Europa—todos pertencentes a mais alta fidalguia da familia dos Falconideos (*Falcões*). Aquelles que são orientados na historia natural sabem que a caça das andorinhas e andorinhões constitue uma especie de «sport» de todos estes nobres salteadores. E' um divertimento ao qual poucos volateis podem dedicar-se, porque para pèrseguir efficazmente taes consumados voadores, é preciso uma mestria de todo excepcional na arte do vôo. Ora esta mestria os mencionados falcões a possuem em alto grau. O *cauré* cultiva este «sport» na Amazonia com a *Panyptila cayanaensis*, tal qual como os seus primos e parentes do Velho Mundo com andorinhas e andorinhões de lá. Persegue a *Panyptila* até o ninho d'esta e refugiando-se naturalmente



para o interior do seu solido reducto o pequeno Cypselideo, o salteador fica as vezes cá fóra dono do campo de batalha, embora com as garras vasias. Sendo isto obra de um momento e realisada com velocidade extraordinaria, que difficulta a observação e comprehensão exacta do espectáculo que se passa, o povo toma erroneamente por dono e inquilino legitimo do ninho aquelle que não é senão um mero ladrão, que tem de bater retirada por ter-lhe escapado a preza.

Assim fica perfeitamente explicada a interessante «lenda amazonica do *cauré*». Ainda não tive a dita de encontrar o verdadeiro ninho do *cauré* (*Falco rufigularis*). Informou-me porém o Snr. Dr. Vicente Chermont de Miranda que não é raro encontral-o na contra-costa da Ilha de Marajó, sendo principalmente escolhidos os «miritiseiros» para nidificação. Do mesmo cavalheiro soube que o ninho não differe em forma, construcção e material da regra observada entre os Rapineiros diurnos e que se distingue talvez unicamente pelas suas dimensões menores proporcionaes ao tamanho do corajoso gaviãosinho.

Diversos exemplares do *Falco rufigularis* existentes no Museu Paraense, foram colligidos na proxima visinhança da cidade de Belem. Trouxemol-o novamente do Counany (Guyana brasileira) e onde verdadeiramente nos impressionou a sua frequencia foi no Alto Rio Capim, sobretudo no trecho onde se acham as numerosas Tapéras dos extinctos aldeamentos dos Indios Tembés e Turyuáras.

(Dezembro de 1897).

[Uma conferencia sobre este assumpto foi realisada pelo autor em 1897 perante a «Sociedade Zeladora do Museu Paraense»].